

HISTÓRIA DO BRASIL

Estudo aponta novo mapa das capitânicas

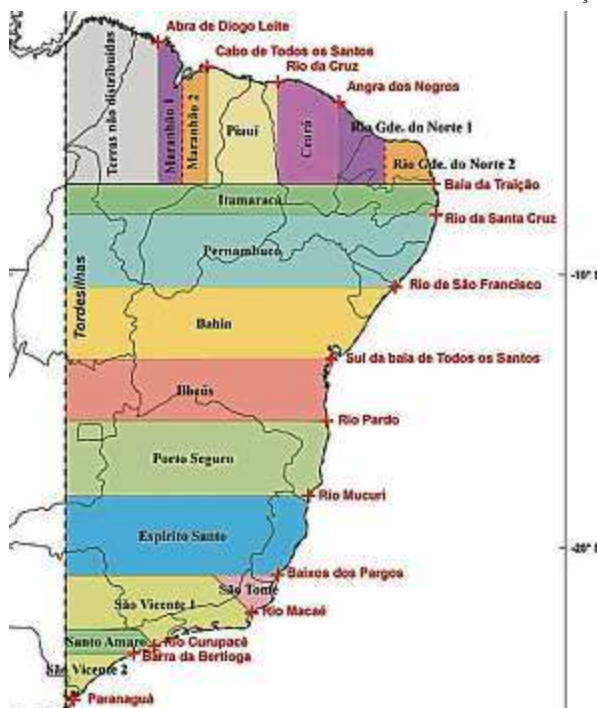
DIVULGAÇÃO

Artigo propõe mudanças no desenho da primeira divisão de terras do Brasil

No ano de 1534, o rei de Portugal, D. João III, dividiu o território brasileiro em capitânicas hereditárias e entregou essas grandes faixas de terra a comerciantes e nobres lusitanos. Quase cinco séculos após esse acontecimento histórico, um professor da Universidade de São Paulo (USP) fez uma descoberta que põe em xeque o que os livros didáticos contam sobre o tema.

Em um artigo recente, o engenheiro Jorge Cintra contesta o mapa das capitânicas eternizado por Francisco Adolfo de Varnhagen, considerado o pai da historiografia nacional, e propõe mudanças significativas no seu desenho. A partir de documentos da época, Cintra conseguiu reconstruir com maior exatidão os limites das faixas de terra doadas pela Coroa Portuguesa.

O sistema de capitânicas dividiu o território em 15 partes e pretendia viabilizar a exploração das riquezas do “Novo Mundo”. As terras tinham como limites o Oceano Atlântico,



Esboço de como seriam os recortes das capitânicas

a leste, e o Tratado de Tordesilhas, a oeste. Após recuperar, analisar minuciosamente as cartas de doação e de notar detalhes que passaram despercebidos por Varnhagen em mapas da época, Cintra assegura que, no Norte, a divisão das fronteiras não foi feita de acordo com paralelos, e sim através de meridianos. “Coloquei tudo em dúvida. Descobri um erro ao sul e resolvi conferir todo o resto. Logo per-

cebi que, de fato, o Norte não estava bem resolvido. Havia capitânicas finas demais, era uma incógnita”, explica Cintra, em entrevista ao Jornal O GLOBO.

MUDANÇAS

Sobre a alteração dos livros escolares, Cintra diz não ter muita pressa, considerando que, como na história, as coisas costumam levar tempo para serem completamente aceitas e solidificadas.

Professor da Ufes elogia descoberta

Para o historiador Luiz Cláudio Ribeiro, professor do Departamento de História da Ufes, a descoberta do colega paulista deve servir de estímulo para que outros paradigmas sejam quebrados.

“É uma descoberta muito interessante, e mostra que existe muita coisa que deve passar a ser vista com outros olhos. O mapa das capitânicas nunca foi colocado sob suspeita e, de repente, uma pessoa com olhar mais técnico para o assunto mudou tudo. Isso muito é plausível”, destaca Luiz.

O professor da Ufes, que tem artigo publicado na revista “Anais do Museu Paulista”, da USP, mesmo periódico onde a descoberta foi anunciada, também chama a atenção para a credibilidade do estudo.

“Essa revista é uma das publicações de historiografia mais respeitadas no Brasil, e a descoberta vem de uma escola muito prestigiosa”, pontua.